

O Arquivo



**OS 10 ANOS DO REINADO DE
SUA MAJESTADE REAL E
PAULISTA**

EDIÇÃO Nº 28.

19 DE SETEMBRO DE 2025

Sumário

| | |
|---|----|
| Editorial | 3 |
| A Corte do Arenito | 4 |
| O 15 de Agosto, a Fundação do Baronato de Bauru do Batalha e os 10 Anos de Reinado de Sua Majestade Real e Paulista | 6 |
| A Guerra de Independência do Baronato | 9 |
| Ventos da Democracia | 13 |
| Novo Governo Manseano Patina | 15 |
| Tragédia na Mantiqueira | 17 |
| Dica Cultural | 18 |
| Lascas de Arenito | 19 |

Editorial

Paulistas!

Nesse mês de setembro lançamos nova edição do nosso periódico estatal O Arenito, nos últimos meses tivemos vários eventos importantes em nossa nação, com o aniversário de Sua Majestade Real e Paulista, que fez 34 anos, nosso aniversário de Independência, e mais importante, os 10 anos de Reinado de Gustavo I como Barão de Bauru do Batalha.

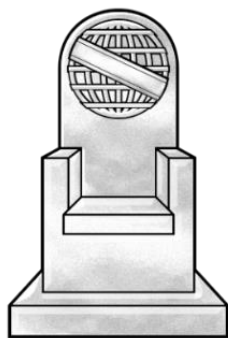
Nessa edição faremos um balanço geral desses dez anos de reinado de Sua Majestade Real e Paulista bem como apontaremos para caminhos futuros de nossa nação.

A Equipe do Arenito contudo, já vem agradecer a todos os leitores do Arenito pela sua dedicação a nossa gazeta, bem como agradecer todos os fiéis paulistas que mantem esse projeto em pé, seja nos momentos de maior convulsão e atividade, sejam nos momentos mais pacíficos como o que vivemos agora.

Viva os 10 anos de Reinado de Sua Majestade Real e Paulista
Gustavo Garcia Bueno Toniato!

Viva o Baronato de Bauru do Batalha!

Viva o Reino Unido de Bauru e São Vicente!



A Corte do Arenito

Com a promulgação da nova constituição o Trono do Arenito que antes chefiava apenas o poder executivo agora tem total autoridade sobre o Reino, muitos tinham receio que este estado de coisas poderia levar nossa pátria paulista a uma espécie de ditadura. Por sorte, ou pelo caráter de Sua majestade Real e Paulista, isso não foi o que ocorreu.

Da promulgação da Nova Constituição até os dias de hoje SMRP parece bem restrito aos seus atos discricionários, não promulgando sequer uma Lei com seus novos

poderes, ao mesmo tempo que mantem seus decretos mensais a fim de tocar o dia a dia do Reino.

Entretanto ainda é preocupante o estado de geral apatia dos outros membros do Reino, dado que as iniciativas ainda partem por quase que exclusivamente da vontade real. De forma que os partidos políticos que um dia foram o motor de nossa atividade hoje se encontram, na melhor das hipóteses, em dormência.

Obviamente esse fato em si não desanimam SMRP continuar fazendo seu

papel de esteio de nossa comunidade, nem de quando intervir quando achar necessário.

Além de se dedicar a nova situação política, SMRP tem se empenhado na construção de mais alguns projetos em nosso Reino, em especial na confecção das medalhas em comemoração dos 10 anos de seu reinado, que infelizmente ainda não ficaram prontas por indisponibilidade do artista selecionado, bem como na construção de

duas novas ordens Honoríficas.

A primeira, é a Ordem da Rainha, que será em homenagem a Primeira Rainha da União Paulista, Stefany Paula Ribeiro. Como Homenageada da Ordem, ela também se tornará sua Grão Mestre.

A segunda, a Ordem da Culinária Paulista, que terá como objetivo incentivar a cultura gastronômica de nosso Reino Unido. Cultura essa que é um componente central de toda Nação.

O 15 de Agosto, a Fundação do Baronato de Bauru do Batalha e os 10 Anos de Reinado de Sua Majestade Real e Paulista

No dia 15 de agosto de 2025, celebrou-se o décimo aniversário do início do reinado de Sua Majestade Real e Paulista Gustavo I como Barão de Bauru do Batalha, e, por consequência, os 10 anos da fundação de nossa micronação.

Ainda que, em nossa micro-história, existamos há mais de 190 anos, é sempre oportuno relembrar a todos como surgiu esse projeto micronacional, bem como as particularidades de sua História Real.

Nossa própria data de fundação traz consigo um elemento de história ficta. Nem Sua Majestade Real e Paulista, nem Sua Alteza Sereníssima, o Príncipe de Ribeirão Preto, tampouco o terceiro fundador desta nação, Gabriel Modolo, recordam-se com exatidão da data da criação do Baronato. Além disso, os documentos

originais, feitos em papel, se perderam no tempo.

Ao examinarmos nossas lembranças e os arquivos sobreviventes, o registro mais antigo que ainda possuímos é a Carta Eleitoral de 23 de março de 2015, publicada no antigo fórum do Baronato. Isso nos leva à conclusão de que a fundação da Nação antecede esse documento. A única certeza, contudo, é que o ano de 2015 marca o início de nossa história como micronação soberana.

O Baronato de Bauru do Batalha nasceu da vontade de dois amigos em manter contato: o Senhor Gustavo Garcia Toniato — hoje Sua Majestade Real e Paulista — e o Senhor Rogério Clementino Saraiva Junior, ambos então moradores da cidade de Franca-SP. Gustavo, recém-formado em História, encontrava-se desempregado; Rogério cursava a Universidade.

Com o retorno de Gustavo a Bauru-SP e a permanência de Rogério na república estudantil que dividiam, decidiram fundar juntos um projeto comum, unindo amizade, imaginação e conhecimento histórico: a criação de um país inspirado em uma história alternativa do Centro-Oeste Paulista do século XIX. Assim surgiu o pequeno Baronato, que poucos meses depois se apresentaria ao micromundo.

A escolha das datas simbólicas também guarda sua lógica própria. O 15 de agosto foi adotado como início do Reinado de Sua Majestade Real e Paulista por ser a referência mais próxima que possuíamos de registros digitais do Reino. Já o 14 de julho de 1832 foi fixado como data de independência do Baronato em relação ao Império do Brasil, por duas razões: por coincidir com o aniversário de Sua Majestade e com a queda da Bastilha; e por situar-se historicamente no período regencial, após a

abdicação de Dom Pedro I em 7 de abril de 1831.

Segundo nossa narrativa, Ivan I — inspirado no avô de Sua Majestade — declarou a independência do Baronato por lealdade ao Imperador deposto, considerando ilegítimo o governo regencial. A Revolta Bauruense teria triunfado graças a fatores como o isolamento geográfico, a ausência de centros urbanos estratégicos na região, o desinteresse inicial do Império e o uso de táticas de guerrilha pelos baurubatalhenses.

No entrelaçar dessa micro-história, surgiram personagens de destaque, como a cortesã e diplomata Maria Leocádia Constantina de Pompéia, criada pelo longo Ministro de Relações Exteriores Henry Monpean. Amante do primeiro Barão, foi ela a responsável pelas negociações que consolidaram a soberania do Baronato frente ao Império, transformando-o em refúgio para perseguidos políticos.

Entre os exilados, estariam figuras como José Bonifácio de Andrada e, sobretudo, os lanceiros negros da Revolta Farroupilha, que, em nossa história alternativa, encontraram em Bauru um destino diferente daquele que os aguardou no trágico Massacre dos Porongos.

Enquanto tecíamos essa narrativa, o Baronato se apresentava ao micromundo. Recebemos especial acolhimento do Reino da França, que nos tratou com gentileza e nos ofereceu nossos primeiros tratados de amizade. Nem tudo, contudo, foi fácil: nossa primeira aparição pública nas redes sociais foi alvo de críticas quanto ao brasão — singelo e feito no Paint, mas sincero. Não desanimamos. Seguimos firmes, e com a entrada do Senhor Henry Monpean, nosso projeto deixou de ser de dois para se tornar de três fundadores, alcançando novo impulso.

Esse crescimento trouxe também os primeiros confrontos, como a Questão Portuguesa, que ameaçava nossa soberania quando reivindicações lusitanas se estendiam sobre todo o território brasileiro. Foi nesse período que surgiram a União Paulista e, posteriormente, o Reino Unido de Bauru e São Vicente. Ao mesmo tempo, desenvolvemos vida partidária intensa, com a fundação da União Democrática Paulista e a conversão do Partido pela Anexação de Ribeirão Preto e Moçambique em Partido Imperial Buenista.

No cenário internacional, destacamo-nos ao lado de nações sul-americanas e europeias no Tratado de Queluz, enfrentando as pretensões portuguesas e defendendo o direito à autodeterminação dos novos Estados.

Com o tempo, entretanto, a pandemia e o retorno da normalidade diminuíram o ritmo da atividade

micronacional. Cada membro seguiu sua vida: Levy ingressou no doutorado na Unicamp; Henry desenvolveu novos projetos e se tornou monarca soberano em Jersey; Rogério tornou-se servidor público em Minas Gerais; e Sua Majestade Real e Paulista assumiu funções na Secretaria de Educação do Estado de São Paulo.

Ainda assim, o Reino não se extinguiu. Se no início nasceu da amizade entre dois colegas, hoje ele segue vivo como espaço de convivência, de criação e de memória,

A Guerra de Independência do Baronato

Quando pensamos na criação de uma micronação que teria como centro o topônimo de Bauru, que é o local de nascimento de Sua Majestade Real e Paulista o Rio que abastece a cidade de água foi elemento central.

Em um primeiro momento porque sem a água da batalha não existe o município de

unindo o monarca a novos membros, entre eles antigos alunos que se juntaram à comunidade.

Assim, ao celebrarmos este décimo aniversário de reinado e de fundação, reafirmamos que o Reino Unido de Bauru e São Vicente permanece sendo uma praça de encontro, um espaço de imaginação e de amizade, um território simbólico que atravessa o tempo e continua a unir aqueles que o constroem.

Bauru. Logo, nada mais justo do que homenagear o Rio que abastece a cidade de água. Além disso, nos pareceu obvio na época que o Rio que da vida a comunidade bauruense seria um elemento interessante para se aproveitar na construção de nossa história micronacional.

O Rio Batalha em si traria mais um elemento

interessante na construção dessa história. Dado que há poucas informações do porquê esse rio, que também é conhecido como Rio da Batalha, receber esse nome.

Os populares da região têm como hipótese principal que o rio foi nomeado por conta de alguma batalha que teria acontecido entre os indígenas locais, da etnia Kaingang, e colonos na região. Entretanto o conflito e a batalha que teria nomeado o rio não deixaram nenhum registro. De forma que não há notícias de quando essa batalha teria acontecido, tão pouco de quem foram os combatentes, ou mesmo o seu desfecho.

O único registro que se tem de que houve uma batalha ali na região é a própria existência do Rio. Logo, era um local perfeito a ser referenciado na construção de uma história alternativa dado que é quase que uma Tábula Rasa a sua História.

Na história alternativa que criamos foi naquele Rio onde se deu a derradeira batalha pela independência do Baronato de Bauru.

Nela, uma pequena força expedicionária da província de São Paulo em derrotar a guerrilha empregada por Ivã Toniato com ajuda dos indígenas da região.

Pela vitória contra o Império o pequeno Baronato de Bauru a passou a ser conhecido como o Bauru da Batalha, e o rio onde a batalha aconteceu como o Rio da Batalha.

A Primeira Expedição Paulista

Apesar de estar em revolta desde 14 de julho de 1832, o governo imperial demorou a enviar uma expedição a fim de pacificar a região. Dado que era uma região afastada e desconectada do Império. Além de que Bauru se localizava em uma região de

nenhuma importância econômica e política.

Para a Regência, desviar recursos do império ao interior paulista para lidar com desordeiros parecia um grande desperdício. De forma que a primeira tentativa de repressão a revolta bauruense foi delegada ao próprio governo da província de São Paulo. Não se tratava para o Império de uma revolta, mas de um grupo de criminosos comuns e saudosistas do Imperador deposto.

De forma que ficou então a cabo do presidente da província Rafael Tobias de Aguiar organizar com seriedade lidado com a situação.

O Presidente decidiu que o caminho adequado seria por juntar um batalhão da recém-criada Guarda Nacional. Seria uma oportunidade de adestrar as tropas contra um alvo simples.

A expedição saiu com o objetivo de reestabelecer a ordem no Arraial de Bauru; a captura do Barão de Bauru

pelo crime de sedição e por fim mapear o interior da província de São Paulo, que era pouco conhecida na época.

O que prometia uma vitória fácil e rápido para a guarda nacional teve como resultado uma campanha desastrosa para as forças brasileiras. Em sua entrada no baronato, ela foi recebida por emboscadas e trocas de escaramuças nas margens do Rio Tiete.

Ao chegar no Arraial de Bauru, ele estava evacuado frustrando a expedição paulista que em vingança incendiou a vila. A destruição de suas casas serviria de exemplo das consequências de se desafiar o poder imperial.

Por fim, em 27 de abril de 1833, o 3º Batalhão da Guarda Nacional da Província de São Paulo foi atraído para o que posteriormente ficou conhecido como o Rio da Batalha.

Lá foi armada uma dupla emboscada pelas forças do

baronato. No rio, com canoas, aliados indígenas com uso de mosquetes os atacaram pelas costas, nas margens foram cercados por esquadrões liderados pelo Barão. Os que não se renderam foram mortos.

A vitória bauruense mandou uma mensagem clara a província de São Paulo, não seria tão simples derrotar os revoltosos.

Até os dias de hoje o sangue derramado naquela batalha adorna os símbolos pátrios do Reino Unido de Bauru e São Vicente.

□ Pós Batalha do Rio Batalha

Se para os bauruenses a vitória foi um grito patriótico e reafirmação de sua tentativa de independência, para os brasileiros a batalha era apenas uma emboscada menor, mas humilhante, de um grupo de rebeldes dos confins do império. Mais parecido com um grupo de

bandidos que haviam se juntado aos gentios do que de fato um movimento separatista.

Mas uma pergunta que se impõe é: Por que apesar de ter um batalhão destruído e ter sua guarda nacional humilhada o Império não reagiu prontamente a revolta bauruense?

Bauru sobreviveu como baronato independente pela sua irrelevância para o Império e no acolhimento de todo tipo de perseguido pelas repressões de revoltas imperiais. Quando o Império se deu conta de que ali se tornou um polo de oposição ao seu regime o baronato de alguns mil pequenos proprietários já havia recebido escravos fugidos e revoltosos de todas as províncias.

Além disso, as informações de que o 3º Batalhão da Guarda Nacional foi destruído demoraram meses a chegar à capital da província de São Paulo. Somente em julho de 1833 foi

confirmado pela presidência da província a destruição da Primeira Expedição Paulista.

O Envio de uma nova expedição ao interior da província não poderia repetir os erros da primeira, então o governo provincial passou o final de 1833 e o ano de 1834 os próximos meses mapeando o local com uso de mercadores e pequenos proprietários, evitando um embate direto.

Quando já se tinham informações o suficiente para se sustentar uma nova expedição outras revoltas mais urgentes precisavam ser

debeladas pelo governo imperial, a saber a Farroupilha e a Cabanagem, de forma que o governo imperial não podia dispendar recursos com uma revolta em um local de menor importância enquanto grandes partes do império ameaçavam a se separar.

Foi com essa massa de pessoas que chegou à centena de milhares, refugiados em um interior que era virtualmente inacessível ao Império que os construtores do baronato construíram aos poucos uma nação independente.

Ventos da Democracia

Como todos sabem evitamos no Arenito a tecer comentários sobre o macromundo a fim de nos concentrarmos nas atividades micronacionais.

Entretanto, as vezes é importante nos manifestarmos em momentos

como o de 11 de setembro de 2015. Pela primeira vez na História um presidente e generais foram condenados por tentarem dar um golpe de estado em nossa república.

Isso abre um novo precedente em nossa História, agora, qualquer um que ousar atentar contra eleições livres e

a Constituição de 1988 sabe que a justiça não se furtará a agir. Mesmo com pressão política do congresso nacional, mesmo com tentativa de coação da maior potência econômica e militar do planeta.

Claro que essa condenação ainda não é o fim dessa história, há tentativas de se anistiar o bandido mor da república e desfazer esse avanço. Cabe a todos os democratas continuar vigilantes para que quem cometa crimes, ainda mais contra o Estado de Direito, cumpra suas penas.

As articulações por anistia que acontecem hoje, com a ajuda de potências estrangeiras, e que quer nos colocar como uma neocolônia não podem ser desprezadas. É hoje sem dúvida a maior ameaça que nosso Estado enfrenta nos últimos 100 anos.

E é a maior ameaça pois nunca fomos ameaçados dessa forma. Todos os surtos

autoritários que acometeram a república brasileira era fenômenos locais, e que não pretendiam sujeitar o Estado brasileiro a estrangeiros.

O Bolsonarismo não só é um movimento autoritário como é um movimento de submissão do Brasil aos Estados Unidos da América. Não atoa eles fazem uso extensivo do símbolo pátrio daquela nação, até mesmo no dia da nossa independência.

Nossa vitória contra o golpismo não foi completa, a democracia é uma planta que sempre precisa ser cultivada todos os dias. A onda de radicalização do debate público com a ascensão das redes sociais que envenena nosso debate público ainda não foi vencida, a guerra será longa e necessitará de novas regulações no meio digital.

O assassinato do ativista americano Charlie Kirk é só mais uma amostra do risco que corremos. Um ambiente em que a violência passa ser uma forma de manifestação

legitimada é a receita para o caos. Mesmo Kirk sendo um notório racista e extremista, sua morte não pode ser justificada.

Apesar dos tempos sóbrios e dos desafios temos que comemorar essa vitória, e celebrar os heróis que tornaram ela possível. Em especial o Ministro Relator Alexandre de Moraes e o Procurador Geral da República Paulo Gonet, que com coragem defenderam democracia brasileira.

Além disso a condenação do Senhor Jair Messias Bolsonaro, mesmo que tardia, passa uma sensação de justiça por todos os amigos queridos que foram perdidos pela sua

atuação criminosa durante a Pandemia de Covid-19. Fernando e Mário, caros amigos, nesse dia 11 de setembro vossas mortes e de outros milhares de brasileiros por negligência na época da Covid foram vingadas.

Acredito firmemente que os outros golpistas que ainda conspiram contra a República Federativa do Brasil serão derrotados. Dia 11 foi só o começo.

Viva a Justiça!

Viva a Democracia!

Viva a Constituição de 1988!

Novo Governo Manseano Patina

Sempre que possível trazemos no Arenito notícias sobre nossa nação Irmã, o Reino do Manso.

Nesta semana em específico trazemos os percalços do novo governo manseano com base na troca de conversas na praça pública entre Sua Majestade a Rainha,

o Atual Primeiro Ministro, e o Antigo Primeiro Ministro. Vejamos três trechos da conversa para depois tecermos comentários

“bom dia, gente, eu não consigo entender como vamos ter um parlamento bicameral e debates obrigatórios para PM kkkk. poxa, o governo está desfalcado e não tem tido muita mobilização nos partidos está mais fácil regredirmos aos tempos de uma monarquia absolutista :P” Sua Majestade a Rainha, Marina

“Como atual Primeiro-ministro, acho que falta boa vontade das forças políticas do Reino do Manso para fazer acontecer. Nada acontece se não for o governo que fizer, e isso acaba nos matando enquanto hobby e se tornando algo chato. Talvez não seja mais candidato a cargos eletivos no Reino do Manso, é muito difícil ficar implorando para as outras forças ajudarem e é mais difícil ainda dentro do meu partido. O

próximo governo só assume ano que vem, mas já adianto que se as forças não se unirem, será o último governo do Reino do Manso.” Atual Primeiro Ministro, Bruno

“Acho, Majestade Marina, que a questão é os governos encontrarem significado em suas gestões, e nem falo do governo atual, antes que se sintam atacados, o Executivo, no contexto do micronacionalismo, é sempre o grande desafio, demanda mais criatividade, colaboração e inovação. Concordo que o hobby é político, mas não se resume a eleições e enfrentamento de partidos, do contrário o hobby seria apenas isso. Significados são construídos quando se abraça a simbologia dos atos, palavras, discursos, atos, afinal o imagético é a matéria prima, pois ninguém está carpindo terreno as margens do lago do Manso debaixo do sol do MT, certo?” Antigo Primeiro Ministro, Henry

Na essência do que o Monarca e os Primeiros-Ministros estão tratando é da natureza da atividade micronacional. A Rainha, mostrando que não há massa crítica humana para se criar um parlamento bicameral, o atual primeiro-ministro mostrando que por si só não consegue criar atividade e não sabe o que fazer como governo, e por fim o antigo primeiro-ministro mostrando que os desafios de se criar conteúdo não é tarefa simples no micronacionalismo.

No fim, é o velho problema de como manter atividade em uma comunidade, e qual é o papel das instituições de estado nessa determinada comunidade. Qual é o papel que duas casas legislativas

devem ter no Reino, somente a performance legislativa? Mas o Reino é feito apenas das leis, ou é feito das pessoas?

O Muda que tanto tempo ficou na oposição agora que chegou ao governo não sabe o que fazer na máquina administrativa, até porque há muito pouco o que se administrar já que não há orçamento público, nem demanda de gasto público no Reino. Ou seja, quando os conflitos de base material estão resolvidos, o que resta ao governo fazer?

O muda não sabe e é interessante observar o que farão com essa constatação. Em suma, o que será do futuro Manseano, uma era de marasmo ou de reinvenção?

Tragédia na Mantiqueira

No fechamento desta edição do arenito fomos informados de uma grande tragédia.

O Duque da Mantiqueira Henry Monpean e sua esposa, Beatriz Marques Marino Passos sofreram grave

acidente de moto no dia 17 de setembro de 2025.

Infelizmente a Duquesa não sobreviveu, deixando o Duque viúvo e seus dois filhos órfãos. Sua Majestade Paulista decretou luto nacional de 7 dias em homenagem a Beatriz.

Quanto ao Duque, ele sobreviveu, mas com sérios danos a sua perna.

Nós de Bauru desejamos a ele pronta recuperação e pedimos que todos da nossa comunidade Micronacional ofereçam sua solidariedade e orações nesse momento de dor e tristeza.

Antes de tudo estamos nesse hobby pelos laços que formamos por aqui, sejam para celebrar as alegrias, seja para se apoiar nos tempos difíceis.

Dica Cultural

A dica cultural da edição é o anime Spy X Family cujo trailer da terceira temporada pode ser acessado no link: https://www.youtube.com/watch?v=5ASJJI_RkiA

Lascas de Areno

- No trono há ansiedade por produtos não entregues no prazo
- Aqueles que não exercem suas funções acabam por perdê-las.
- Qual é o limite da empatia?
- Nem só de Pilates vivem as costas
- As vezes as mensagens ficam no vácuo.

O *Arenito* é Produzido e distribuído pelo Departamento de Imprensa e Propaganda do Reino Unido de Bauru e São Vicente



O Departamento de Imprensa e propaganda é agência subordinada ao Serviço Autárquico Bauru-vicentino de Retransmissão de Informações Nacionais (S.A.B.R.I.N.A.)

